

História do Romão deve virar livro

O cientista social José Carlos Gomes, ex-morador do bairro, escreveu monografia mostrando os contrastes da região

O passado do bairro Romão, Vitória, revela sutis diferenças sociais de uma mesma comunidade.

A luta por um pedaço de chão nos morros contrasta com o processo de ocupação da parte baixa da região, marcado pela construção de casas de alvenaria, a partir do loteamento de uma propriedade particular destinado à classe média baixa.

Esses e outros fatos determinantes para o surgimento do Romão fizeram parte da pesquisa do cientista social José Carlos Gomes, ex-morador do bairro, que reside hoje em Maria Ortiz.

Autor de uma monografia sobre o passado da região, ele está à procura de uma editora para poder lançar o livro "Romão, Um Povo de Luta".



Baseado em entrevistas com os moradores mais antigos e documentos do arquivos públicos, a obra conta a história local sob o olhar sociológico.

Gomes apurou que a região começou a ser habitada em 1932, por meio da comercialização de lotes de um chácaras pertencente à família Aguiar. "O nome do bairro foi dado em homenagem a Romão de Aguiar, um português patriarca da família", afirmou Gomes.

Na segunda metade dos anos



José Carlos Gomes e Demiciara, a moradora mais antiga do Romão

50 trabalhadores de baixa renda começaram a invadir morros da região e erguer seus barracos.

A primeira família que fixou residência no lugar foi a da dona-de-casa Demiciara Vieira dos Santos, 60. Juntamente com o marido, Elpídio Ribeiro dos Santos, que já morreu, ela levantou uma pequena casa de madeira coberta de palha na parte alta do Romão.

"Quando vim para cá, a área era só coberta por capoeira e mais nada. Não existia casa no morro. Meu marido e seu Geraldo Carroceiro foram os primeiros moradores do morro", afirmou Demiciara, que há 48 anos vive no bairro.

Barracos camuflados

Escondidos entre as capoeiras no alto do Romão, Vitória, os primeiros barracos construídos naquela área não chamavam tanta a atenção dos policiais e da prefeitura.

"As casas estavam 'camufladas' e os invasores não enfrentaram grandes problemas com a fiscalização", disse o sociólogo João Carlos Gomes.

Mas o sossego durou pouco. Quando as construções dos barracos começaram a se intensificar, a Prefeitura de Vitória voltou suas atenções para o morro

do Romão, aumentando a fiscalização e gerando conflitos entre policiais e moradores.

Obstinados, eles lançaram mão de uma nova tática de invasão, que acabou dando certo. "Como os policiais só destruíam as casas que ainda não estavam prontas, a população começou a fazer as edificações durante a noite, em forma de mutirão. Quando a fiscalização chegava pela manhã, as obras estavam concluídas e não havia forma de tirá-los de lá", contou Gomes.